

Teresa Cristina Schneider Marques*

**MARCHA E OS EXILADOS BRASILEIROS NO URUGUAI:
A OPOSIÇÃO À DITADURA MILITAR ATRAVÉS DA IMPRENSA**

Resumo: O aparato repressivo montado pelos militares forçou centenas de cidadãos ao exílio. Esperava-se que o afastamento do país trouxesse como consequência a desarticulação da oposição, contudo, os exilados procuraram denunciar os crimes cometidos pela ditadura através da imprensa dos países de acolha. No Uruguai, o periódico que representou um importante instrumento de oposição foi o semanário esquerdista *Marcha*, que contou com o apoio do grupo exilado em Montevideu entre 1964 e 1968. Assim, este artigo objetiva analisar esse periódico para compreender as diversas maneiras através das quais a imprensa foi utilizada no exílio enquanto um instrumento de oposição à ditadura.

Abstract: The repressive apparatus mounted by the military forced hundreds of citizens to exile. It was hoped that the distance of the country would brought as a result the dismantling of the opposition, but the exiles aimed to denounce the crimes committed by the dictatorship through the press of the host country. In Uruguay, the newspaper that represented an important instrument of opposition was the leftist weekly newspaper *Marcha*, which had the support of the group that was exiled in Montevideo between 1964 and 1968. Thus, this article aims to analyze this newspaper to understand the various ways through which the press was used in exile as an instrument to oppose the dictatorship.

Palavras-chave: exilados, oposição, imprensa. **Keywords:** exiles, opposition, press.

A partir do golpe de 31 de março de 1964, diversos procedimentos foram levados a efeito com o intuito de estabelecer a nova ordem militar no poder no Brasil. Entre as primeiras medidas assumidas pelo governo militar, destaca-se a perseguição aos políticos ligados ao governo deposto pelo golpe e aos que eram vistos como opositores ao novo regime. Para tanto, os militares criaram leis autoritárias através dos chamados Atos Institucionais, que

* Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pelo Institut d'Études Politiques de Paris (SciPo).

“legitimaram” a perseguição aos opositores do regime, promovendo cassações, impedindo a organização legal da oposição, entre outras medidas. Além disso, montaram um amplo aparato repressivo, composto por “diversos órgãos de segurança”. Tal quadro forçou a partida para o exílio de milhares de cidadãos ligados de alguma forma à oposição ao governo militar.

O exílio político foi visto pelo novo governo como uma eficiente maneira de desarticular a oposição ao regime, pois objetivava afastar os principais líderes da oposição, e concomitantemente, servir de exemplo àqueles que se propusessem a ingressar na luta contra a Ditadura Militar. Acreditava-se que o exílio desempenharia com eficácia essa função, haja vista que a própria condição de refugiado/exilado político implica em passar a ser considerado pela lei como um indivíduo “apolítico”. Isto é, a legislação internacional sobre asilo político determina que ações ou declarações que coloquem declarações públicas que possam afetar de alguma forma a segurança do país de origem, devem ser evitadas, sob a pena de perder a qualidade de refugiado que lhe foi concedida e ser expulso do país¹. Portanto, “o imigrante ‘não-nacional’ e sem direito de residência permanente é por definição [...] excluído do espaço político concebido como espaço jurídico e espaço de interações”².

Portanto, o exílio era um dos mecanismos de controle utilizados pelos militares, pois, ao isolar, afastar e segregar opositores, contribuía para a desarticulação dos grupos de esquerda. Logo, podemos aproximá-lo do modelo do hospício e da prisão, pois compartilham a mesma função: o isolamento. Tal como os doentes mentais e os criminosos comuns, era necessário afastar os opositores políticos do restante da população em favor da nova disciplina imposta.

O internamento dos loucos é feito segundo o modelo do ‘exílio’ e o modelo do ‘leproso’; o internamento dos delinquentes se faz no modo do ‘enquadramento’ e tendo por modelo o empestado. [...]. Mas, justamente, exilar, enquadrar são a princípio funções de exterioridade, que os dispositivos de internamento efetuam, formalizam, organizam³.

Entretanto, contrariando estes anseios dos militares, grande parte dos exilados pela ditadura militar brasileira, deixavam o país com o objetivo de transformar o exílio em um local de luta política. Dessa forma, as atividades políticas desenvolvidas pelos exilados brasileiros nos países onde foram acolhidos, demonstra que o afastamento do país não

¹ MELLO, Celso D. de Albuquerque. *Curso de Direito Internacional Público*. 6^a Ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979, p.658.

² SIMÉANT, Johanna. *La cause des sans-papiers*. Paris: Presses de Sciences Politiques, 1998, p.22.

³ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998, p.51-52.

significava necessariamente, o afastamento da participação política. Segundo Dominique Memmi a participação política pressupõe a ação voluntária do indivíduo, visando influenciar as ações do governo, ou até mesmo a escolha de líderes políticos⁴. É nesse sentido que atuavam os exilados brasileiros, mesmo estando longe da arena política na qual estavam habituados a atuar.

Dentre as ações políticas dos brasileiros durante o exílio, merece destaque a crítica e denúncia dos atos abusivos praticados pela ditadura militar no Brasil, por intermédio dos meios de comunicação uruguaios. O fato de estarem teoricamente livres da censura imposta pelos militares no plano interno, fez com que enxergassem a imprensa como uma das armas mais fortes contra o regime autoritário.

Tradicionalmente, e não apenas em regimes totalitários, os governos tornam públicas apenas as informações que interessam aos seus objetivos e quase sempre as apresentam da maneira que melhor lhes convém⁵. No plano interno, a maior parte dos periódicos não pôde fazer oposição às arbitrariedades do regime militar brasileiro devido à censura, e, além disso, diversos foram os periódicos que apoiaram as decisões tomadas pelos governantes militares⁶. De acordo com Foucault, a produção de todo e qualquer tipo de discurso – pronunciado ou escrito –, é controlada de alguma forma, por qualquer sociedade:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temida materialidade⁷.

Os periódicos internacionais eram vistos como uma importante arma de denúncia pelos exilados brasileiros no exterior, pois no exílio, os brasileiros que se opunham ao regime militar estavam relativamente afastados de alguns dos mecanismos de controle impostos pelos governantes militares no Brasil. Como conseqüência, observamos os registros de inúmeros periódicos organizados por exilados, dentre os quais podemos citar o periódico *Debate* –

⁴ MEMMI, Dominique. *L'Engagement politique*. In: GRAWITZ, M. e LECA, J. (dir.). *Traité de Science Politique*; V.3: *L'Action politique*. Paris, PUF, 1985, p.312.

⁵ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 133.

⁶ Nesta perspectiva, podemos tomar como exemplo o diário escolhido como objeto de estudo pela historiadora Beatriz Kuschnir, que destaca o jornal *Folha da Tarde*, do Grupo Folha da Manhã como um dos “porta-vozes” do regime autoritário. Ver: KUSCHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.8-9.

publicado no Chile e na França –, e o periódico *Resistência*, organizado no Chile por membros da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e pelo Movimento Revolucionário 08 de outubro (MR-8). Além dos periódicos organizados por eles mesmos, os exilados muitas vezes também contavam com espaço para publicação nos periódicos que circulavam nos países de acolha.

Vale ressaltar que esta preocupação em denunciar os atos repressivos levados a efeito pelos governos militares no Brasil, era uma preocupação de todos os exilados brasileiros, como ressalta José Maria Rabêlo, que viveu a maior parte do seu exílio no Chile:

Tinha razão a ditadura ao atribuir aos exilados a existência de uma campanha no exterior contra o regime. ‘Estão denegrindo a imagem do Brasil’, era o surrado discurso dos militares e de seus serviçais, inclusive da imprensa. Na verdade, o que fazíamos era denunciar os crimes cometidos pela Ditadura, que não podiam ser divulgados internamente⁸.

No Uruguai, se isolou a primeira geração dos perseguidos pela Ditadura Militar Brasileira, que foi expulsa do país no primeiro momento após o golpe. Tal geração era ligada aos partidos políticos e movimentos legais, e atuavam através de formas tradicionais de militância, tais como as greves e manifestações de rua⁹. No exílio, a imprensa foi amplamente utilizada como um instrumento de oposição à ditadura militar pelos exilados desta geração.

Com efeito, através da imprensa uruguaia, os exilados procuraram desmentir os discursos dos políticos conservadores que estavam no controle do Estado durante o regime militar, que procuravam “cultivar a memória do golpe como intervenção salvadora, em defesa da democracia e da civilização cristã, contra o comunismo ateu, a baderna e a corrupção”¹⁰. Vale lembrar que esta prática dos militares também é uma forma de exercer o poder, que pode agir “por violência ou por ideologia, ora reprimindo, ora enganando ou iludindo; ora como polícia, ora como propaganda”¹¹. Desta forma, os exilados participaram ativamente desse combate, denunciando que a brusca mudança de regime que se deu no Brasil, em de março de 1964, não se deu através de um golpe de Estado e sim de uma Revolução.

⁸ RABÊLO, José Maria e RABÊLO, Thereza. *Diáspora: os longos caminhos do exílio*. São Paulo: Geração editorial, 2001, p.194.

⁹ ROLLEMBERG, Denise. *Nômades, sedentários e metamorfoses: trajetórias de vidas no exílio*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p.283.

¹⁰ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p.39.

¹¹ DELEUZE, *Op. Cit.*, p.18.

Assim, no exterior, os discursos dos exilados brasileiros que se tornavam públicos através da imprensa internacional podiam ir além do espaço a eles destinado pelo Estado no Brasil, “um lugar que o honra e o desarma”¹². O espaço que os exilados brasileiros conquistaram na imprensa uruguaia permitiu de fato que o exterior tivesse acesso a outras análises sobre o golpe militar brasileiro. Isto foi importante porque tais análises dificultaram o sucesso da campanha que o governo brasileiro vinha promovendo tanto no plano interno quanto no plano externo, visando apontar os grupos de oposição ao novo regime como os grandes “inimigos” do desenvolvimento do país:

Quando o governo é de natureza ditatorial e totalitária, tem o monopólio da imprensa, da propaganda e da mídia e consegue isolar esses assuntos do contato com o estrangeiro – o que supõe um território bastante vasto. É então, o governo que escolhe o inimigo estrangeiro, o responsável por todas as suas infelicidades, por todas as misérias, e isso tem chance de sucesso, sobretudo se na maioria existe consenso¹³.

Nesse sentido, entre as publicações uruguaias que davam espaço aos exilados brasileiros, destaca-se o semanário *Marcha*. Essa publicação surgida em 1939, embora tenha nascido em um dos menores países da América Latina, ganhou destaque internacional, especialmente durante a década de 1960, pois suas páginas possibilitaram debates cujo conteúdo eram de interesse de todo o continente. Desses debates participaram algumas das personalidades mais influentes no cenário latino-americano, especialmente personagens ligados a movimentos de esquerda¹⁴.

Dentre os principais debates que emergiram durante a convulsionada década de 1960, podemos destacar as discussões travadas acerca da Revolução cubana, nos quais *Marcha* assumiu uma posição de apoio à Revolução e ao seu projeto socialista. Vale destacar que a Revolução Cubana teve uma influência decisiva nos movimentos de esquerda em países latino-americanos, inclusive no Uruguai e no Brasil. Sendo assim, líderes dessa Revolução, tais como Ernesto Che Guevara, tinham sempre espaço, muitas vezes concedendo entrevistas exclusivas ao periódico. É importante destacar que texto de Che intitulado “El socialismo y el

¹² FOUCAULT, *Op. Cit.*, p.7.

¹³ DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império perecerá: teoria das relações internacionais*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 201.

¹⁴ MORAÑA, Mabel e MACHÍN, Horacio (editores). *Marcha y América Latina*. Pittsburg: Biblioteca de América, 2003, p. 9.

hombre em Cuba” publicado no dia 12 de março de 1965¹⁵ foi enviado com exclusividade ao diretor de *Marcha*, Carlos Quijano, é considerado a maior obra do guerrilheiro argentino¹⁶. Também merece destaque a reportagem de Carlos Gutiérrez, intitulada “Que los enemigos se preocupem”, publicada em *Marcha* no dia 08 de outubro de 1965¹⁷.

Entre as personalidades da esquerda brasileira que conquistaram espaço no periódico destacam-se alguns dos mais ilustres brasileiros exilados no Uruguai em virtude do golpe militar, tais como João Goulart e Leonel Brizola. Com a chegada ao Uruguai do presidente deposto e do ex-governador do Rio Grande do Sul – além de outros importantes personagens do cenário político brasileiro, tais como Darcy Ribeiro e Paulo Schilling –, as atenções do semanário se voltaram para análises do golpe no Brasil e o ponto de vista dos exilados sobre o regime militar brasileiro. Logo após a efetivação do golpe de Estado pelos militares, com o apoio dos grupos de elite conservadores, *Marcha* já disponibilizava espaço para que os projetos apresentados pelo governo Goulart, que desagradavam a oposição pudessem ser defendidos.

No dia 17 do mês de abril de 1964 – portanto, logo após o golpe –, Goulart concedeu uma entrevista exclusiva à *Marcha*, defendendo as reformas por ele anunciadas no comício em frente à Central do Brasil no dia 13 de março anterior, apontadas como o principal motivo para o agravamento da crise¹⁸. Quatro dias mais tarde, foi apresentada em *Marcha* outra reportagem sobre as reformas de base¹⁹.

Após o golpe, João Goulart pôde utilizar as páginas de *Marcha* como instrumento de defesa. As acusações a Jango e ao seu governo ajudaram a compor o discurso apresentado pelos militares para justificar a interferência no sistema de governo brasileiro por eles protagonizada. No entanto, as acusações não partiram apenas dos militares e dos meios de comunicação brasileiros, mas também de meios de comunicação norte-americanos, tais como a renomada revista *Time*, que em sua edição de 1º de maio de 1964, acusou o ex-presidente brasileiro de ser um “aventureiro sem paralelo”²⁰.

¹⁵ GUEVARA, Ernesto. “El socialismo y el hombre em Cuba”. *Marcha*. Montevideo-UY. n.º1246, Año XXVI, p.14-20, 12 de março de 1965.

¹⁶ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.354.

¹⁷ GUTIÉRREZ, Carlos. “Que los enemigos se preocupem”. *Marcha*. Montevideo-UY. , n.º 1275, Año XXVI, p.14-15, 08 de outubro de 1965.

¹⁸ CASTRO, Julio. “Solo las reformas de Base darán paz a Brasil”. *Marcha*. Montevideo-UY. n.º. 1201, Año XXV, p. 1, 17 de abril de 1964.

¹⁹ CASTRO, Julio. “Las reformas de base de Jango Goulart: El pueblo impone la revolución”. *Marcha*. Montevideo-UY. n.º. 1198, Año XXV, p.9, 20 de abril de 1964.

²⁰ “Goulart desafia a ‘Time’”. *Marcha*. Montevideo-UY. n.º. 1206, Año XXV. p. 7, 22 de maio de 1964.

Foi através de *Marcha* que Goulart decidiu responder aos ataques da publicação norte-americana, desmentido as informações publicadas sobre a sua pessoa, pois entendia que estando em Montevideu na qualidade de exilado político, não poderia ter controle sobre as falsas notícias publicadas, e nem sequer realizar alguma ação efetiva sobre o ocorrido. Assim, para ele, colocar em evidência a falsidade dos artigos em questão (por intermédio deste periódico uruguaio), era a única reação possível. Em uma reportagem com autor desconhecido, Goulart expôs a sua defesa:

Comprendo que esta campana tiene por finalidad no el ataque personal, sino el que a través de mi nombre pueda recaer sobre mi gobierno y sobre el programa de ideas que representamos en el Brasil. Es tan disparatado su contenido que ningún diario de mi país reproduce el artículo²¹.

Essa afinidade entre o referido semanário e os políticos ligados ao governo deposto, portanto, já era conhecida pelos militares, o que os levou a proibir a circulação dessa publicação uruguaia no Brasil, logo após o golpe. Em uma das suas primeiras entrevistas ao chegar ao Uruguai na qualidade de exilado político, Brizola falou da liberdade com a qual podia contar para expor suas opiniões políticas nas páginas de *Marcha* e da proibição da sua circulação no Brasil:

A *Marcha* no puedo negarle nada. Somos de la misma familia, ustedes y nosotros', me dijo Brizola no bien nos encontramos, al melodía de ayer, y agregó: '¿Sabes que *Marcha* esta prohibida en el Brasil ? No llega ningún ejemplar desde que el golpe se produjo²².

Contudo, o maior objetivo de Brizola ao conceder essa entrevista, era expor sua visão sobre a situação econômica e política brasileira, as reformas sociais, o golpe e o planejamento de uma resistência aos golpistas. Entre as suas declarações, podemos destacar a denúncia de que a deposição de João Goulart não se deu devido a uma revolução – como os militares insistiam em afirmar para a imprensa, tanto nacional quanto internacional – mas sim de um golpe de Estado, que contou não apenas com o apoio das classes oligárquicas, como também com a assistência do Pentágono. Acusou os militares de serem reacionários e de estarem dando início a um governo que tomaria medidas apenas em favor das classes dominantes e do imperialismo norte americano.

²¹ Idem.

²² GALEANO, Eduardo. "Reportaje exclusivo a Brizola: El ajuste de cuentas vendrá". *Marcha*. Montevideo-UY. n.º 1204, año XXV, p. 7, 08 de maio de 1964.

Por sua vez, ao falar da reação ao golpe, Brizola demonstrava manter a mesma ilusão que transparecia nos depoimentos da maioria dos exilados brasileiros: acreditava em uma reação popular ao golpe e em uma organização espontânea do povo para resistir. Confiava que boa parte da população compartilhava a idéia de que a ditadura que se instalava era conivente com interesses oligárquicos e estrangeiros, e, sobretudo, que se tratava de um regime militarista e totalitário de direita²³.

Dessa maneira, Brizola excluía a população brasileira de qualquer participação na efetivação do golpe de estado que o forçou ao exílio. Tal como ocorre em dias atuais, não era admitida a participação da sociedade brasileira – principalmente após a assimilação dos valores democráticos –, na construção do golpe e do regime militar²⁴. Para Brizola, a parcela da população que ainda não compartilhava da idéia de que a política econômica adotada pelos militares, ao se basear na concentração de renda, aumentava as desigualdades sociais, estava influenciada pela falta de informação sobre o novo regime. Daí surgiu para os brasileiros a sua tarefa mais importante no exílio: desmascarar a ditadura através da imprensa internacional²⁵.

Além disso, segundo Edward Said, é natural que o exilado, por ter sido bruscamente afastado da sua terra natal e do seu passado, sinta “uma necessidade urgente de reconstituir sua vida rompida, preferindo ver a si mesmo como parte de uma ideologia e de um povo triunfante”, ou que ainda queria e iria triunfar²⁶. Enxergar o povo brasileiro – o povo do qual tão orgulhosamente faziam parte, e pelo qual consideravam que haviam sido forçados a sair do país – como um povo que havia se rendido aos militares, seria uma derrota tão grande que a situação do exílio se tornaria insuportável. Portanto, era mais confortável enxergar a população brasileira como desinformada, mas com potencial para o movimento de massas, logo, um povo pelo qual ainda valia a pena lutar. Dessa forma, uma função prática poderia ser atribuída à sua condição de exilado.

Convém ressaltar, no entanto, que líderes da oposição tais como Leonel Brizola e João Goulart não eram os únicos a conseguir espaço em *Marcha*. Aliás, após estas primeiras declarações, os dois evitaram falar novamente com a imprensa, objetivando evitar problemas ao país, e conseqüentemente, às suas articulações políticas. Outros exilados brasileiros,

²³ Idem.

²⁴ REIS, *Op. Cit.*, p.49.

²⁵ ROLLEMBERG, *Op. Cit.*, p. 291.

²⁶ SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 50.

contudo – até mesmo exilados que não se encontravam no Uruguai –, utilizaram as páginas deste semanário esquerdista como uma maneira de reagir ao regime autoritário.

O conhecido economista Celso Furtado, ministro do planejamento durante o governo Goulart, é um bom exemplo desta prática: mesmo estando exilado na Europa, concedeu a essa publicação uruguaia uma carta exclusiva, onde analisava os motivos que levaram à derrubada do governo. Para ele, Goulart caiu porque demorou para aplicar medidas populistas que já haviam sido aplicadas com sucesso anteriormente por Vargas. Tal como muitos exilados brasileiros, Furtado também considerava que o povo brasileiro não apoiava o governo militar:

Goulart, al comprobar que la clase media estaba sometida a una tremenda guerra psicológica de los sectores de derecha, quiso repetir la experiencia de Vargas. Era demasiado tarde, y cayó. A los quince días las cárceles estaban llenas y la clase media se volvió otra vez contra el gobierno militar, ¡Es que son buena gente!²⁷

Entre os exilados em outros continentes, que sempre publicavam declarações em *Marcha*, podemos destacar Miguel Arraes. Da Argélia, onde estava exilado, o ex-governador do Pernambuco enviou duras críticas à política econômica adotada pelo regime autoritário:

Es indudable que la idea del desarrollo independiente del país nunca tuvo, en el pasado una predominância real. Era sustentada y defendida por varias corrientes políticas, que influenciaban, en cierto modo, decisiones importantes. Se ha producido ahora un trastocamiento de la política económica y financiera que estimula las concentraciones, y facilita a la vez la invasión del capital extranjero, en detrimento de la pequeña y mediana empresa nacional²⁸.

Diversos outros exilados no Uruguai e em outros países participaram de alguma forma das publicações de *Marcha*, também com críticas ao regime militar brasileiro. Podemos citar o Padre Lage e Francisco Julião – ambos ligados a lutas contra latifúndios –, exilados na Europa, e, entre os exilados menos conhecidos no Uruguai, podemos destacar as reportagens com Híber Conteris, dentre muitos outros²⁹.

²⁷ TRAJTEMBERG, Mario. “Exclusivo de *Marcha*: Celso Furtado en el exilio.” *Marcha*. Montevideo-UY. n.º1246, año XXVI, p. 21, 12 de março de 1965.

²⁸ ARRAES, Miguel. “Las condiciones de la lucha antimperialista en el Brasil.” *Marcha*. Montevideo-UY. n.º1246, Año XXIX, p. 20, 20 de março de 1968.

²⁹ Entre as reportagens publicadas com informações concedidas por esses referidos nomes, ou com entrevistas exclusivas dos mesmos para *Marcha*, destacamos as seguintes: CONTERIS, Híber. “La post-revolución brasileña” *Marcha*. Montevideo-UY. n.º1267, año XXVII, p. 20-22, 13 de agosto de 1965; BOSQUET, Michel. “Entrevista al Pe. Lage y al Francisco Julião: Brasil, el polvorín de la América Latina”. *Marcha*. Montevideo-UY. n.º1296, año XXVII, p. 16-17, 18 de março de 1966.

Todavia, o apoio oferecido por *Marcha* às causas dos exilados não se limitava ao espaço disponibilizado para declarações e reportagens por estes assinadas em suas páginas. Diversas foram as reportagens elaboradas por repórteres de *Marcha* sobre o golpe de Estado brasileiro, provavelmente, muitas vezes com informações fornecidas pelos exilados. De acordo com José Maria Rabêlo, esse tipo de ação era muito comum entre os brasileiros no exterior³⁰. Nas análises sobre o golpe e o novo regime em geral, os militares eram retratados como gorilas, reacionários e elitistas, o golpe era acusado de ser inconstitucional. A política econômica era constantemente e duramente criticada, devido às decisões que favoreciam o imperialismo norte-americano.

Na medida em que as ações dos exilados brasileiros no Uruguai passaram a incomodar mais o governo brasileiro no Brasil, as pressões exercidas pelos golpistas sobre o governo uruguaio para que diminuísse as liberdades com as quais os brasileiros podiam contar nesse país também aumentavam. *Marcha* respondeu a altura à essa ação do governo brasileiro, publicando diversas matérias que acusavam o regime militar de estar interferindo na política interna uruguaia por meio de ameaças. Também foram publicados muitos editoriais, assinados pela comissão editorial do semanário, em solidariedade aos exilados brasileiros.

Outra linguagem utilizada em *Marcha* para fazer oposição aos militares brasileiros, foram as charges – ou caricaturas – dos governantes brasileiros. Desde a antiguidade o riso tem sido usado como arma política: “Apresentar um líder em traços ridículos ante o público é uma forma de desacreditá-lo e desmoralizá-lo”³¹. Vale lembrar que a caricatura é uma arma de ataque e não de defesa, justamente por ridicularizar o personagem escolhido. Por isso, os alvos dos caricaturistas são sempre os adversários³². Portanto, as caricaturas ou charges são armas de ataque, que procuram agir da seguinte maneira:

É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou fato. Na maioria dos casos, uma característica saliente é apanhada ou exagerada. Geralmente a caricatura é produzida tendo em vista a publicação com destino a um público para quem o modelo original, pessoa ou acontecimento é conhecido³³.

³⁰ RABÊLO e RABÊLO, *Op. Cit.*, p. 194.

³¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *João Goulart e a crise de 1964 no traço da caricatura*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p.181.

³² *Idem*, p.182.

³³ FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.17.

Comumente, as charges acompanhavam as idéias apresentadas pelas matérias de *Marcha*, porém, eram comuns, também, as edições que não contavam com textos ou entrevistas cujos temas abordavam a questão da ditadura brasileira, mas mesmo assim apresentavam charges sobre essa questão. Nas mesmas, os militares eram geralmente apresentados como gorilas, com expressão facial grotesca. Os militares ficaram assim estigmatizados, principalmente devido a alguns membros da oposição que quase sempre se referiam aos mesmos dessa maneira³⁴. Leonel Brizola é um exemplo de um dos grandes líderes da oposição que tinha o costume de chamar os militares de gorilas, inclusive em entrevistas concedidas à imprensa, como a já citada entrevista exclusiva concedida à *Marcha*, quando recém chegado ao Uruguai como exilado, onde se lê:

Y puedo decirle que el pueblo sabe (...) que el gobierno fue depuesto por un golpe militar, y que quienes esta mandando ahora son los militares reaccionários, los *gorilas*, los grandes terratenienses, los grandes comerciantes, los grupos económicos poderosos, nacionales y extranjeros³⁵. [grifo nosso]

Tomaremos como exemplo – dentre dezenas de charges publicadas com o intuito de ridicularizar os militares brasileiros – a charge apresentada a seguir, pois foi apresentada em diversas edições de *Marcha*, buscando ilustrar diferentes reportagens sobre o novo regime autoritário brasileiro:

³⁴ REIS, *Op. Cit.*, p.40.

³⁵ GALEANO, *Op. Cit.*, p.7.

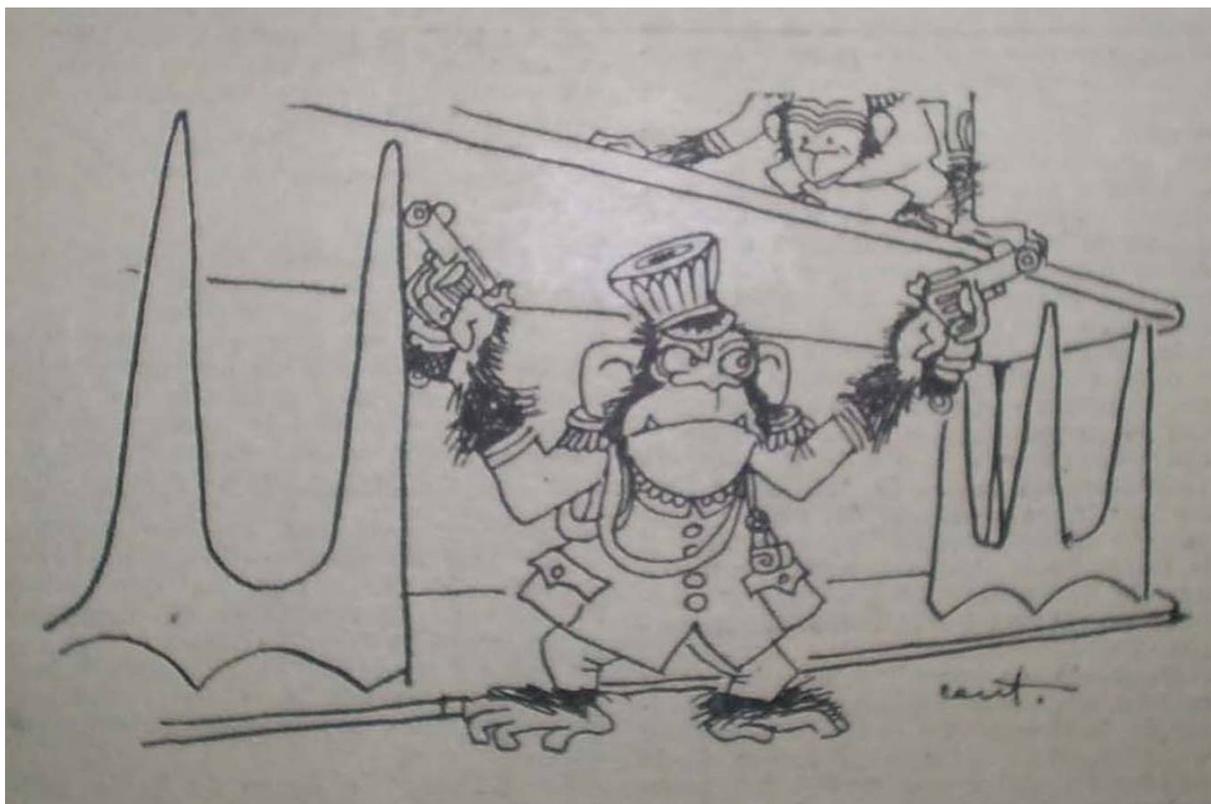


Imagem 1: Sem título. Autoria desconhecida. Fonte: Extraído de GALEANO, Eduardo. “En Brasil mandan los militares: un oceano de lágrimas democráticas”. *Marcha*. Montevideo-UY. Año XXV, n.º1203. Abril 30 de 1964, p. 14.

Além da expressão zangada dos gorilas – um dos significados primários e convencionais presentes nesta imagem –, há outros significados intrínsecos que podemos perceber com o apoio da metodologia da iconografia e da iconologia. Trata-se de uma representação do golpe de Estado brasileiro, de 31 de março de 1964. Na imagem, os gorilas aparecem ocupando o Palácio do Planalto armados, vestidos como militares. No canto direito da charge, um outro gorila caminha sorrateiramente pelo teto da construção. Enfim, a imagem em si – como toda imagem gráfica – se esforça em apresentar de forma clara a sua mensagem: a mudança de regime que se deu no Brasil em março de 1964, não é resultado de uma revolução como afirmavam os militares, mas sim de um golpe de Estado contra o poder constitucionalmente instituído, protagonizado pelos militares.

Selecionamos ainda para a análise uma das charges que visavam criticar a internação de Brizola em Atlântida. A imagem em questão ilustrou uma reportagem que abordava o tema, e apresentava um diálogo entre um casal uruguaio sobre uma questão doméstica, a troca da mobília de sua casa. Com um jornal nas mãos, em cuja manchete lê-se “Brasil pide

internación”, o marido responde à esposa que embora a idéia de trocar os móveis da casa o agrade, para tanto seria necessário pedir a permissão do embaixador brasileiro no Uruguai, Pio Corrêa. O exagero da resposta do marido é o principal motivo de riso, e denuncia o quão invasiva foi considerada essa exigência brasileira.



Imagem 2: “No Intervención”. Autoria desconhecida. Fonte: Extraído de GUTIÉRREZ, Carlos Maria. “Un pájaro que canta feo”. *Marcha*. Montevideo-UY. Año XXVI, n.º1239. Febrero 04 de 1965, p.32.

Nota-se que, embora não sejam assinadas por exilados brasileiros, as charges publicadas por *Marcha* seguem as idéias por eles defendidas. É inquestionável o poder exercido pelas imagens sobre a mentalidade dos indivíduos, independente de sua idade, nacionalidade, ou classe social³⁶. Portanto, em conjunto com as demais reportagens sobre as

³⁶ FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes*. Madrid: Cátedra, 1992, p.23.

questões relacionadas aos exilados e ao golpe militar no Brasil, as imagens publicadas em *Marcha* ajudaram a formar no Uruguai visões negativas sobre o novo governo brasileiro.

Além de suas edições semanais, a comissão editorial de *Marcha* passou a lançar uma publicação mensal, os *Cuadernos de Marcha*, a partir de maio de 1967. As análises que tinham espaço em *Cuadernos de Marcha* eram mais profundas e críticas, em um formato impossível de ser publicado em um periódico³⁷. Algumas dessas edições puderam ser escritas e organizadas por exilados brasileiros, que direcionaram suas análises para as denúncias das arbitrariedades que aconteciam no Brasil sob as ordens do governo militar naquele momento. Entre as quais, destacamos as edições assinadas por Paulo Romeu Schilling, um exilado que mantinha estreitos laços com Leonel Brizola, e que assinou diversas outras publicações.

Com efeito, as edições de nº. 37 e 38, organizadas por Schilling e intituladas *Brasil, seis años de dictadura: Torturas, e, Brasil, perspectivas de la revolución*, – respectivamente, impressionam pela ousadia de suas palavras ao denunciar práticas dos subterrâneos da ditadura brasileira então pouco conhecidas – não apenas no exterior, mas, inclusive, dentro do próprio território nacional – e a contra-revolução idealizada pela oposição no exílio:

Nos limitamos a enfocar algunos aspectos de la realidad brasileña en ese período, los que consideramos más importantes: el origen y la evolución del militarismo brasileño; el golpe continuado o la contrarrevolución permanente; la teoría y la praxis de la entrega de la economía nativa a los monopolios extranjeros; la tesis del ‘satélite privilegiado’ o del subimperialismo brasileño; la política económica-financiera del gobierno castrense y sus consecuencias sociales y la transcripción de documentos auténticos sobre la tortura, esa práctica que en los últimos años es parte de lo cotidiano en la vida brasileña³⁸.

Assim, *Marcha* se confirmava como uma das armas mais fortes utilizadas pelos exilados para denegrir a imagem do regime militar no exterior, o que explica o interesse brasileiro em acompanhar as suas publicações através das informações enviadas pelos seus agentes de espionagem em Montevideu³⁹. Enquanto outros jornais e periódicos uruguaios não disponibilizavam espaço para que as idéias dos exilados fossem defendidas – alguns periódicos, inclusive, tais como *Acción*, procuravam se posicionar de acordo com as diretrizes

³⁷ MORAÑA e MACHÍN, *Op. Cit.*, p.253.

³⁸ SCHILLING, Paulo. “Brasil, seis años de dictadura: Torturas.” *Cuadernos de Marcha*. Montevideo-UY, n.º 37, p. 2, 1970.

³⁹ MARQUES, Teresa Cristina Schneider. *Exílio e Repressão: exilados brasileiros no Uruguai (1964-1973)*. 2004. 75 p. Monografia (Licenciatura Plena e Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, p.61.

dos novos governantes brasileiros –, *Marcha* chamava a atenção internacional para a tentativa dos exilados de desmascararem o golpe, utilizando-se das mais diversas linguagens.

Portanto, *Marcha* era apenas uma parte do universo de publicações que passaram a combater a ditadura brasileira no exterior, mas com inegável importância enquanto arma de combate à ditadura militar. Ao dar espaço para que os exilados brasileiros se expressassem politicamente, tal periódico permitiu que as denúncias e as críticas ao regime militar brasileiro ganhassem visibilidade internacional. Tal visibilidade obtida pelas denúncias dos exilados no exterior permitiu que organizações de defesa aos direitos humanos fossem informadas sobre as arbitrariedades cometidas pelos militares no Brasil e que passassem a atuar em favor da abertura política. Portanto, *Marcha* representou um importante documento de denúncia dos crimes cometidos pela ditadura.

Referências

Artigos de *Marcha*

ARRAES, Miguel. “Las condiciones de la lucha antimperialista en el Brasil.” *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1246, Año XXIX, p. 20, 20 de março de 1968.

BOSQUET, Michel. “Entrevista al Pe. Lage y al Francisco Julião: Brasil, el polvorín de la América Latina”. *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1296, año XXVII, p. 16-17, 18 de março de 1966.

CONTERIS, Híber. “La post-revolución brasileña.” *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1267, año XXVII, p. 20-22, 13 de agosto de 1965.

CASTRO, Julio. “Solo las reformas de Base darán paz a Brasil.” *Marcha*. Montevideo-UY, n.º. 1201, Año XXV, p. 1, 17 de abril de 1964.

_____. “Las reformas de base de Jango Goulart: El pueblo impone la revolución”. *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1198, Año XXV, p.9, 20 de abril de 1964.

GALEANO, Eduardo. “Reportaje exclusivo a Brizola: El ajuste de cuentas vendrá”. *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1204, año XXV, p. 7, 08 de maio de 1964.

_____. “En Brasil mandan los militares: un oceano de lágrimas democráticas”. *Marcha*. Montevideo-UY. Año XXV, n.º 1203. Abril 30 de 1964.

MARCHA. “Goulart desafía a ‘Time’”. Montevideo-UY. n.º. 1206, Año XXV. p.7, 22 de maio de 1964.

GUTIÉRREZ, Carlos Maria. “Un pájaro que canta feo”. *Marcha*. Montevideo-UY. Año XXVI, n.º 1239. Febrero 04 de 1965.

_____. “Que los enemigos se preocupem”. *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1275, Año XXVI, p.14-15, 08 de outubro de 1965.

GUEVARA, Ernesto. “El socialismo y el hombre en Cuba”. *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1246, Año XXVI, p.14-20, 12 de março de 1965.

MORAÑA, Mabel; MACHÍN, Horacio (editores). *Marcha y América Latina*. Pittsburg: Biblioteca de América, 2003.

SCHILLING, Paulo. “Brasil, seis años de dictadura: Torturas.” *Cuadernos de Marcha*. Montevideo-UY, n.º 37, p. 2, 1970.

TRAJTEMBERG, Mario. “Exclusivo de Marcha: Celso Furtado en el exílio.” *Marcha*. Montevideo-UY, n.º 1246, año XXVI, p. 21, 12 de março de 1965.

Livros e Artigos

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império perecerá: teoria das relações internacionais*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes*. Madrid: Cátedra, 1992.

KUSCHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider. *Exílio e Repressão: exilados brasileiros no Uruguai (1964-1973)*. 2004, 75 p. Monografia (Licenciatura Plena e Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

MELLO, Celso D. de Albuquerque. *Curso de Direito Internacional Público*. 6^a Ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

MEMMI, Dominique. L'Engagement politique. In: GRAWITZ, M. e LECA, J. (dir.). *Traité de Science Politique*; V.3: *L'Action politique*. Paris, PUF, 1985.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “João Goulart e a crise de 1964 no traço da caricatura”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

RABÊLO, José Maria e RABÊLO, Thereza. *Diáspora: os longos caminhos do exílio*. São Paulo: Geração editorial, 2001.

REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

ROLLEMBERG, Denise. “Nômades, sedentários e metamorfoses: trajetórias de vidas no exílio”. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964 - 2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMÉANT, Johanna. *La cause des sans-papiers*. Paris: Presses de Sciences Politiques, 1998.